

Mariete Zawierucka Bressan
Elisabete Maria Zanin
Miriam Salete Wilk Wisniewski
ORGANIZADORAS

Conta pra nós?

• SÊNIOR •



CONTA PRA NÓS SÊNIOR

CONTA PRA NÓS SÊNIOR

MARIELE ZAWIERUCKA BRESSAN
ELISABETE MARIA ZANIN
MIRIAM SALETE WILK WISNIEWSKI
(organizadoras)

ERECHIM/RS
2023

Todos os direitos reservados à EDIFAPES.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão dos autores. Os dados e a completude das referências são de inteira e única responsabilidade dos autores.

Conselho Editorial:

Adilson Luíz Stankiewicz (URI / Erechim/RS) - Presidente

Arnaldo Nogaro (URI / Erechim/RS)

Cláudia Petry (UPF / Passo Fundo/RS)

Elcemina Lucia Balvedi Pagliosa (URI / Erechim/RS)

Elisabete Maria Zanin (URI / Erechim/RS)

Maria Elaine Trevisan (UFSM / Santa Maria/RS)

Jadir Camargo Lemos (UFSM / Santa Maria/RS)

Neila Tonin Agranionih (UFPR / Curitiba/PR)

Sergio Bigolin (URI / Erechim/RS)

Yuri Tavares Rocha (USP / São Paulo/SP)

Editoração/Diagramação: EdiFAPES

Organização: Mariele Zawierucka Bressan / Elisabete Maria Zanin / Miriam Salete Wilk Wisniewski

Revisão linguística: Mariele Zawierucka Bressan

Capa: (Assessoria de Marketing, Comunicação e Eventos / URI Erechim)

ISBN: 978-65-88528-59-4

C759 Conta pra nós sênior [recurso eletrônico] / organização Mariele Zawierucka Bressan, Elisabete Maria Zanin, Miriam Salete Wilk Wisniewski. – Erechim, RS: EdiFapes, 2023.
1 recurso eletrônico : il.

Modo de acesso: <http://www.uricer.edu.br/edifapes>
Editora EdiFapes (acesso em: 04 dez.)

ISBN 978-65-88528-59-4

1. Histórias de Natal 2. Artesanato 3. Histórias de vida 3. Memórias
I. Bressan, Mariele Zawierucka II. Zanin, Elisabete Maria III. Wisniewski, Miriam Salete Wilk

C.D.U.: 82-94

Catálogo na fonte: bibliotecária Sandra Milbrath CRB 10/1278



EDIFAPES

Livraria e Editora
URI ERECHIM

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <i>Apresentação</i> | 6 |
| <i>Prefácio</i> | 8 |
| <i>Minha Arte é Fazer Crochê</i> | 11 |
| <i>Lembranças Felizes</i> | 14 |
| <i>Simples Assim</i> | 16 |
| <i>Natal é "Presente"</i> | 17 |
| <i>Natal e Reis</i> | 18 |
| <i>Sonhos</i> | 20 |
| <i>Uma História de Vida</i> | 22 |
| <i>Viajei</i> | 23 |
| <i>História de Minha Infância</i> | 26 |
| <i>Apenas um Natal</i> | 28 |
| <i>Natal em Família: Um Natal Simples e Feliz</i> | 29 |
| <i>Natal de Interior</i> | 30 |
| <i>Natal em Família</i> | 31 |
| <i>Minhas Memórias</i> | 32 |
| <i>Lembrança de um Natal</i> | 36 |
| <i>Distrações</i> | 37 |
| <i>É Natal</i> | 38 |
| <i>As Pausas da Vida</i> | 39 |
| <i>Natal</i> | 40 |
| <i>Lembrança da Casa Grande</i> | 42 |
| <i>Um Fato Que Marcou a Vida</i> | 43 |
| <i>História de Amizade, Companheirismo e Aventura</i> | 44 |
| <i>Um Natal Inesquecível</i> | 46 |

APRESENTAÇÃO

"Conta pra nós" foi um projeto, originalmente, organizado para o Curso de Medicina, com o objetivo exercitar a aproximação e a comunicação humanizada entre os participantes e as pessoas que os acadêmicos vão encontrar durante sua formação e atuação profissional. Além disso, buscava, também, ao tecer diálogos, a reflexão, para posterior tessitura de textos e imagens, promovendo, assim, a tessitura de laços.

Os textos produzidos foram publicados, inicialmente, na página do curso em link especial e, posteriormente, transformaram-se em uma obra literária no formato *e-book*, chamada "Conta pra nós".

No ano de 2023, houve a retomada do projeto Universidade Sem Limites, na URI-Erechim e, com isso, a possibilidade de os cursos da instituição promoverem atividades com o grupo de senhoras que participa do projeto. Sendo assim, nasceu a ideia de incentivar a produção textual, em distintas formas materiais, desde a escrita de contos, memórias, histórias, até o artesanato - o crochê, por exemplo, que, numa perspectiva discursiva, também pode ser concebido como texto.

Como momento inicial, as senhoras, integrantes do projeto, foram instigadas a desvendar um "mistério": o que estava escondido debaixo de um lençol? Por meio de questionamentos, perguntas e respostas, descobriram que se tratava de um presépio. Após reflexões acerca dos sentidos possíveis que se podem atribuir à palavra "presépio", as participantes foram incentivadas a produzir seus textos, com base em três distintos, mas entrelaçados, princípios: discurso, memória e autoria.

O texto, afirmam os analistas do discurso, é a materialidade do discurso. Dessa maneira, pode adquirir distintas formas materiais. Para que se torne único, um acontecimento singular, é necessário que o sujeito, na posição de autor, ative sua memória, não apenas a que constitui o indivíduo, numa perspectiva biológica, mas aquela que confere sentido às coisas do mundo. Afinal, como pontua Paul Henry (2014), os fatos reclamam sentidos e estes se constroem na medida em há sujeito, história e memória.

A autoria, num processo de colar-se e descolar-se do sujeito ao discurso-outro - a alteridade -, tem a ver com a memória e, ao mesmo tempo, com o acontecimento. Kundera (1978), em seus escritos, afirmou que quando se quer liquidar os povos, começa-se por tirar-lhes a memória. Só existe história, porque há memória. Em outras palavras: a memória dita e a história escreve!

Para que o sujeito escreva, a sua, ou qualquer outra história, é preciso que tenha memória e, na posição de autor, dê forma material a pensamentos, emoções, sentimentos, lembranças... Esse foi o propósito do trabalho desenvolvido: permitir que todas essas memórias não sejam esquecidas, uma vez que registradas.

Os registros foram feitos no decorrer de 2023. Num segundo momento, com base na contação de história da obra "O carteiro chegou", a versão preliminar dos textos foi socializada, por meio da leitura. As participantes receberam cartas, cujo conteúdo eram suas histórias, lidas por diferentes colegas. Um momento de emoção e partilha!

Os textos produzidos, em sua versão final, dão origem, portanto, ao "Conta pra Nós Sênior", em que a singularidade das escritas emociona, encanta e coloca o leitor no lugar de quem tem o privilégio de conhecer um pouco mais a história de algumas das senhoras que compõem o grupo - suas memórias, seus Natais, suas famílias, suas artes, em suma: suas vidas - permeadas de dificuldades ou alegrias, mas, sobretudo, da beleza - condição sem qual a vida perde o sentido.

Os textos que, aqui, são publicados, transformam-se em obras. Obras de arte, obras de vida. Revelam que a estética - a que constitui a linguagem literária, inclusive - reside na simplicidade, na singularidade do tornar-se autor e, deixar, por meio da linguagem - um legado.

Elisabete Maria Zanin
Máriele Zawierucka Bressan

REFERÊNCIAS

HENRY, P. A história não existe? In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

KUNDERA, M. **O livro do riso e do esquecimento**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

PREFÁCIO

Era o ano de 2002, eu estava no terceiro semestre do Curso de Psicologia, vinculado à primeira turma deste curso, aqui, na URI - Erechim. Neste ano, conquistei a vaga de bolsista de um projeto de extensão denominado Universidade Sem Limites, coordenado pela professora Maria de Lourdes Bortolanza, então coordenadora da área de Ciências Humanas e orientadora do projeto, juntamente com a professora Simone Krahl, coordenadora do Curso de Psicologia.

Recordo com alegria a conquista desta oportunidade de ser bolsista. Naquela época, a biblioteca da universidade não permitia o acesso do aluno para contato direto com o acervo. Sempre que necessitávamos dos livros, era realizada uma pesquisa e solicitado aos atendentes, as obras. Entretanto, os bolsistas tinham a sorte de poder esgueirar-se entre as prateleiras, sentar-se entre as pilhas de livros e acessar materiais que o buscador no computador, raramente indicava. Que alegria descobrir e ter acesso a obras que poucos colegas sabiam da existência. Os trabalhos tinham referências diversas da maior parte da turma.

Recordo, também, da satisfação de construir relações com mais de 50 senhoras, das quais, para muitas, fui "o neto que estava distante", "o filho que morava em outra cidade", "o amigo jovem que ouvia, atentamente, e favorecia atividades, encontros e vivências". Lembro, nostalgicamente, dos encerramentos de ano e os jantares em restaurantes da cidade, nos quais, mais de uma vez, fui agraciado pela professora Maria, ou por membros do grupo com o convite e o cordial "não se preocupa, que você é nosso convidado", como uma avó que reconhece que a vida de estudante implicava em certa escassez de proventos. Quantos abraços, sorrisos, e histórias pude acompanhar, vivenciar.

Mas, afinal, o que teria isso a ver com a apresentação desta edição do "Conta pra Nós Sênior"? Tudo!

Você está prestes a entrar em contato com 25 histórias que lhe levarão a vivenciar momentos de vida ímpares e carregados de sentido e significado. Essas histórias, registros de vivências afetivas gravados, carinhosamente, na memória e no coração de cada autora, nos levam a refletir sobre o que, realmente, vale a pena na vida que se vive.

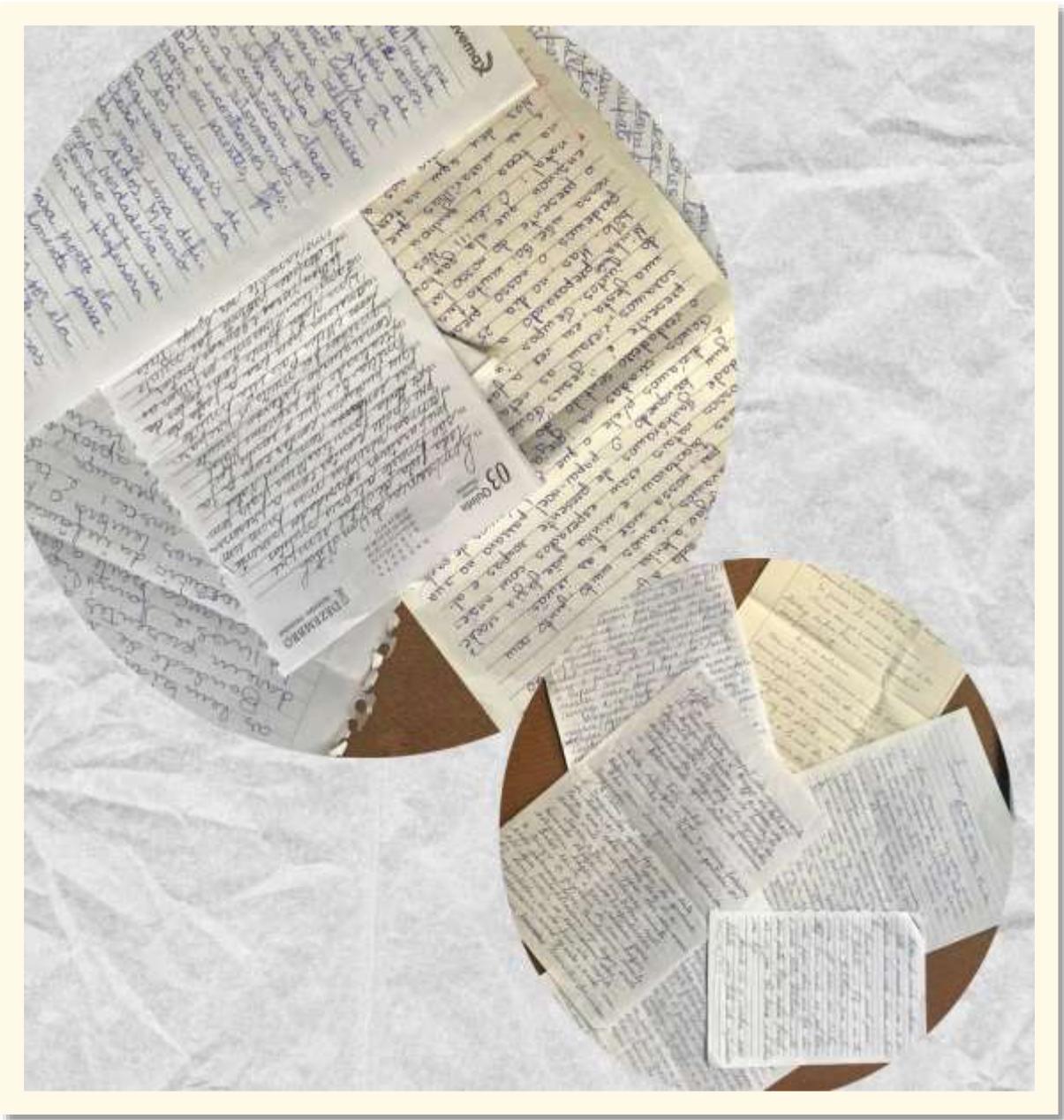
São histórias do tempo do Natal, da vida familiar, dos desafios vividos, das dores sentidas, dos sonhos realizados. Dos presentes, das travessuras, das descobertas. Em cada uma delas, você terá oportunidade de entrar na casa, construir as decorações do pinheirinho, assustar-se com o Papai Noel, alegrar-se

com o refrigerante tão esperado e especial, e vislumbrar a potência que existe em cada ser humano para superar desafios que a vida apresenta e aprender com eles.

Então, tem tudo a ver, iniciar esta apresentação, lembrando uma história real, vivida por mim, com algumas das autoras das histórias, aqui, publicadas; afinal, as vivências estão gravadas na mente e no coração, deste que, hoje, é um Psicólogo que aprendeu junto ao grupo da Universidade Sem Limites, que não há limites para aprender, enquanto o coração bater.

Para mim, foi nostálgico receber o convite para apresentar esta obra. Desejo que a leitura lhe proporcione muitas emoções e vivências genuínas de afeto.

Felipe Biasus



MINHA ARTE É FAZER CROCHÊ

A origem deste artesanato é incerta. Porém, há várias teorias que tentam explicar seu surgimento. Muitos afirmam que surgiu em países como Espanha, França e Irlanda; já outras destacam continentes asiáticos, como Arábia, China e Índia, ao longo do século XVI (Novaes, 2020).

Crochê significa "gancho", segundo a teoria francesa, e surgiu com a finalidade de decorar, de aprender um ofício, bem como é usado em vestimentas da realeza, ou, até mesmo, num cenário de sobrevivência (Silva, 2015).

No início, era feito com a ajuda de agulhas de diversos materiais (taquara, metal, arame, pau) para traçar o fio. Como não existia tecnologia, era feito com a ajuda da luz do sol, ou seja, ao longo do dia. E, quando chegava à noite, utilizavam luz de fogo, ou estopas de óleo para enxergar (Silva, 2015).

Assim, ao longo do tempo, esta magnífica arte foi se modernizando e evoluindo. A prova disso é que, hoje, temos como escolher entre tamanhos de agulhas e variáveis espessuras e cores de fios para tecer o próprio crochê, ou o tricô, bordado, drapeado, frivolidade etc.

Minha vivência nesse ramo começou com sete anos, ao fazer jogo de mercê crochê, e enxoval de minhas irmãs mais novas, com a ajuda de minha mãe, que aprendeu com minha avó, e com o incentivo de meu pai, que batia em minha mão por eu estar pegando a agulha de maneira incorreta, até eu aprender e aperfeiçoar meus trabalhos. Dessa forma, eu aprendi a fazer todos os tipos de arte, inclusive o pinheirinho de natal em crochê.

Referências

NOVAES, M. História do crochê: da origem à atualidade. **Escola de Artes Manuais**. Lisboa, 23 jan. 2020. Disponível em: <https://escoladeartesmanuais.com.br/blog/a-historia-do->

MEMÓRIAS DE NATAL

Quando eu tinha nove anos de idade, há pouco tempo, tinha vindo morar perto da nossa casa uma família alemã, com oito filhos, dos quais cinco eram crianças. Éramos bem amigos, indo e voltando na escola; nos domingos, na catequese. Na minha família, éramos em dez irmãos. Para nós, crianças, o Natal era a gente rezar e limpar bem o pátio, para que, à noite, o Papai Noel pudesse chegar em nossa casa, para deixar uma roupa, um calçado, e alguns docinhos.

Naquele Natal, para nossa surpresa, fomos convidados para ir ver Papai Noel na casa da família Fenker. O pai e a mãe foram conosco, filhos menores. Chegando lá, vimos um lindo pinheirinho, enfeitado com lindas bolas, algodão e pequenas luzes. Logo, a casa ficou no escuro e as pequenas luzinhas do Presépio e do pinheirinho iluminaram a sala. Um sininho tocando *Dim Dom* lá do lado de fora e a dona da casa, Dona Frida, começou a cantar *Noite Feliz, Noite Feliz...*

Papai Noel apareceu na porta da sala, com uma enorme barba branca e com vestes vermelhas, com um saco nas costas, com presentes e todos da família Fenker ganharam muitos presentes. Eu e meus irmãos ganhamos um pacote de balas, com algumas bolachas pintadas. Lembro que minhas pernas tremiam muito quando o Papai Noel chamava as crianças pelo nome, para receber o presente. Ele pedia se a gente obedecia ao Pai e à Mãe. Minha mãe, Alfonsina, pegou-me pelas mãos e foi comigo receber o presente.

Sinto aquela sensação até hoje. Nesses momentos, nos fortalecemos e compreendemos melhor o nascimento de Jesus.

Hoje, muitas famílias comemoram o Natal com comilanças e esquecem de celebrar o aniversariante, o nascimento do maior homem do mundo: Menino Jesus.

Feliz e Abençoado Natal!

Idesse Salete Santin

LEMBRANÇAS FELIZES

Há muitos anos, no Distrito de Capoeirê, vivia uma família feliz. O pai era carpinteiro e a mãe costureira, com seus cinco filhos: quatro meninas e um menino.

Moravam numa casa bem grande; na parte de baixo, tinha um salão de baile muito famoso na região. Aconteciam bailes temáticos, como Carnaval de Pelúcia da Chita, da Primavera. As moças vinham com seus vestidos típicos e rodopiavam pelo salão. Vinha gente de toda a região.

Eu sou a caçula das meninas. Fui muito feliz na minha infância, pois brincava bastante.

O nosso meio de transporte era o trem e adorávamos andar nele para vir até Erechim.

Na parte de cima do salão de baile, tínhamos a cozinha, com fogão à lenha que, no inverno, era disputado para nos sentarmos perto, para nos aquecermos e sapecar pinhão na chapa. Tinha uma escada que nos levava para os quartos, no último andar.

Agora, vou contar uma história de Natal - uma linda lembrança da minha infância.

Naquela época, as bonecas vinham sem roupa; eu e minha irmã, que é três anos mais velha que eu, na véspera de Natal, fomos dormir ansiosas, pensando o que íamos ganhar de presente de Natal.

Quando nos levantamos, no dia de Natal, e descemos as escadas que levavam até a varanda, em cima da mesa azul, com cadeiras também azuis, uma linda toalha e um vaso com flores, estavam duas lindas bonecas sentadas, com seus vestidos estampados, cheios de babadinhos e sapatinhos brancos. Também tinham chupetas penduradas no pescoço. Ficamos paralisadas com tamanha beleza. Imagina a nossa felicidade: parecia um sonho!

Sáimos pela rua, correndo, para mostrar às nossas amigas o que havíamos ganhado. Era só alegria. Brincamos muito!

Este foi um Natal inesquecível. Ficará para sempre em minha memória.

Marlene Michelin Voos



SIMPLES ASSIM...

Era dezembro, lá pelos anos 60, em Concórdia, Santa Catarina.

Na véspera de Natal, a família se reunia, para buscar o símbolo de Natal, a árvore, ou sua representação.

Fazíamos uma jornada em busca de um galho de pinheiro, provavelmente, na chácara de um amigo de meu pai. Íamos caminhando, nem lembro se era perto, ou longe. A conversa era agradável e o tempo não tinha importância.

Após a colheita do galho de pinheiro, íamos para casa. Lá, minha mãe forrava uma lata de tinta vazia com papel que vinha da padaria, envolto no pão d'água e nós, ali, sentados no chão, ficávamos observando. Ela colocava o galho na lata e nós alcançávamos os chumaços de algodão para enfeite. Nada de bolas, laços, luzes... Ela ficava linda!

Papai Noel não era o foco do Natal. Nem presentes.

À noite, íamos dormir e, no dia seguinte, íamos à Missa de Natal. Essa, sim, tinha importância, pois retratava a simplicidade do nascimento de Jesus, e sabíamos da sua importância para nós, cristãos.

Quando voltávamos para casa, recebíamos pequenos pacotes de doces simples e, ao meio-dia, um almoço especial, em que a bebida era uma garrafinha de laranjinha Balvedi para cada um. Este refrigerante era muito esperado por nós, pois era uma data especial. A sobremesa eram os doces que recebíamos.

Era um Natal voltado, principalmente, para o Nascimento de Jesus, a fé e os valores cristãos da família.

Lenita Klug

NATAL É "PRESENTE"

Minha infância e adolescência foram tempos muitos felizes e de muito amor. Éramos quatro irmãs. Lembro daqueles invernos rigorosos, em que toda a família se sentava ao redor do fogão à lenha.

Conversávamos, ríamos muito, junto com nosso pai, nossa mãe e as irmãs. Um tricotavam e minha mãe fazia crochê. Nossos Natais eram esperados, com ansiedade. Ganhávamos, de presente, roupas e algum brinquedo. O Papai Noel passava na rua e dizíamos para ele o que gostaríamos de ganhar.

Fomos criadas na igreja, em que aprendemos o verdadeiro sentido do Natal: que o maior presente é "Jesus". Fomos crescendo, nos casamos, vieram as netas e cada Natal era uma festa, em ver a família reunida, ceando juntos. Tempos inesquecíveis!!!

Minha mãe preparando a casa, presentes, doces, bolo. Mas, no dia 25 de dezembro de 1999, perdemos nosso maior presente. Enterramos a nossa mãe. Foi muito triste, pois perdemos o presente do nosso lar. O tempo, entretanto, nos ensinou que ela ganhou de presente de Natal o céu!!! Nos fez tão felizes aqui na terra e ganhou o céu, as estrelas e as maravilhas que mereceu. Nos deu, aqui na terra, o prazer da sua presença para nos alegrar, e recebeu, de presente, a presença de Jesus para alegrá-la. Apenas mudou de endereço.

Continuamos comemorando os nossos Natais com alegria, junto da família, seguindo os ensinamentos da minha mãe, que sempre dizia:

"O maior presente, a maior dádiva que recebemos foi e sempre será 'Jesus'!!!"

Nilce Maria Salomoni da Silva

NATAL E REIS

"Noite de paz... - diz a música - Noite de amor..." Era assim que se festejava a noite de 24 de dezembro no meu país, na minha infância...

Família (mãe, pai, avó, algum tio e eu) reunida ao redor da mesa de jantar, vestida com a melhor toalha, bordada pelas mãos delicadas da minha mãe, junto ao pinheirinho, enfeitado com luzes e bolas coloridas; e do pequeno presépio (que crescia, ano após ano, com uma ovelhinha a mais, ou um pastor, uma casinha etc). Na mesa de jantar, na "Noche Buena", havia muitas nozes, castanhas, torrone, panetone... refrigerante e espumante. Uma janta especial para uma noite especial: se festejava o nascimento do menino Jesus. Ninguém esperava presente nesta data. Depois da janta, todos a dormir, menos minha avozinha que, acompanhada de uma de minhas tias, ia à Missa do Galo.

Na noite de 05 de janeiro, as crianças esperavam os Reis Magos (Melchior, Gaspar e Baltazar), que chegariam, de muito longe, carregados de presentes, montados nos seus camelos, cansados. Portanto, antes de dormir, tínhamos que deixar alimentos e água para os camelos.

O presente que mais lembro, e o mais amado, foi o que recebi quando tinha quatro anos.

Eu sempre perguntava tudo para minha vovozinha e ela respondia, sabiamente. Algumas vezes, não satisfazia minha curiosidade, como, por exemplo:

Por que alguns dos meus amiguinhos não ganhavam nenhum presente, e outros muitos?

Por que havia crianças que andavam descalças, vendendo jornal nas ruas, ou pedindo algo para comer?

Por que os anjos são todos brancos, e nenhum é negro?

Por que as minhas bonecas eram todas branquinhas, loiras, de olhos azuis, com lindos vestidos?

Eu queria um boneco negro!

... Então, no dia 06 de janeiro do ano de 1953, quando fui ver o que tinham deixado os Reis Magos, encontrei, debaixo da árvore, junto ao presépio, um lindo e sorridente bebê negro, de olhos cor de mel, que tinha só uma fralda branquinha e um cartão, que dizia: "Soy tuyo" (Sou teu)!

Estas datas trazem muitas saudades. Não gosto. Já não têm a magia que tinham, e continuo a ver muita injustiça no mundo.

Blanca Anaconda Chiribao Cosio De Curti

SONHOS

Sempre tive um sonho. Sempre gostei de viajar e de conhecer coisas, pessoas, lugares novos.

Morei no mato. Tive uma infância muito feliz; fazia 8 quilômetros para ir à escola, a pé, e quando chovia, o meu pai nos levava (eu e meus irmãos) a cavalo. O que seria um sofrimento para alguns, era a nossa felicidade.

Éramos quinze pessoas a ir à escola, e voltávamos sempre brincando, correndo, felizes. Foi uma infância para aproveitar a vida, fazer amizades, andar de carrinho, ir ao mato procurar frutas, ter aventuras...

Eu adorava estudar. Sempre fui a primeira da classe, tirava notas boas; concluí o primário, mas tive que deixar de estudar, para ajudar a trabalhar em casa e no hotel de propriedade de meus pais. Trabalhava muito, ajudando a servir as mesas do restaurante, nos eventos. Por mais que gostasse muito de estudar, eu também gostava de ajudar meus pais. Isso nunca me atrapalhou, porque tudo que a gente faz com vontade, tona-se fácil e prazeroso.

Meu sonho era continuar estudando, mas não foi possível. Então, comecei a namorar e continuei trabalhando. Fazia tudo isso e sobrava tempo para me divertir com as amigas. Por mais que meus pais sempre fossem rígidos, minha vida foi ótima - não tenho do que me queixar. Meu pai (igual a todos os homens da época) achava que a mulher não precisava estudar; tinha, apenas, que saber fazer as tarefas domésticas. Então, não estudei; deixei meu sonho de lado.

Construí uma família. Ajudei meu marido nos negócios. Criei três filhos... E, quando eles já estavam grandes, senti a necessidade de fazer alguma coisa diferente, para mim. Então, quando surgiu a oportunidade, eu fazia cursos... vários cursos.

Aprendi muito com a vida. Fiz um treinamento para participar da Pastoral da Saúde. Faz quarenta anos que faço esse trabalho, que é uma lição de vida. Aprendi a dar apoio às pessoas e transmitir conhecimento a elas, para que, também, possam

viver melhor. Hoje, tenho um neto e participo do Universidade sem Limites, em que aprendo muita coisa interessante.

Então, a vida é assim: um grande aprendizado. Estamos sempre aprendendo e ensinando, dentro e fora das escolas. Receber conhecimento é tão bom como transmiti-lo.

Por isso, se você tem um sonho, nunca desista. O meu era ter conhecimento, e isso eu adquire cada dia mais, de uma maneira, ou de outra. Para sermos felizes, temos que nunca desistir do que queremos. Podemos envelhecer, sim, mas nunca ficar fechados para o mundo!

Nair Luiza Cervi

UMA HISTÓRIA DE VIDA

Escrever sobre este tema não é tarefa difícil. O difícil é escolher o que contar do que vi, vivi e sofri, pois vivência e história se entrelaçam.

Foram muitas experiências nestes meus oitenta e oito anos, mas, às vezes, penso que se "nada" aprendi, ainda há tempo para ver, viver e aprender!

Dizem que só enxergamos o que queremos ver, e só guardamos na mente e no coração o que queremos.

Contar uma história sobre minha vida? Mas, qual delas? Foram tantas... As boas, para exaltá-las? Ou, as não tão boas, que fazem parte da minha história?

Penso que, mais importante do que a minha história, é o que colhi do que semeiei durante toda a minha vida.

Aprendi a conhecer as pessoas e aceitá-las da maneira como elas são, sem julgá-las. Isso me trouxe Serenidade.

Aprendi a não esperar milagres e a aceitar a vida como ela é. Agradeço todos os dias, sem cobranças, e isso me trouxe Felicidade.

Aprendi a crer em um Deus único, onipresente, e de todos. Isso me trouxe Segurança.

Aprendi, apesar de toda a carga, experiências, bons e maus momentos, a colocar sempre um sorriso nos lábios, um brilho no olhar e a vivenciar a beleza que a natureza e o ser humano me oferecem, gratuita e esplendidamente, todos os dias.

Glecy Maria Deitos

VIAJEI

... Andei quilômetros, durante horas, dias, anos. Abracei gente amada, ouvi suas vozes, vi as cores, senti os perfumes e saboreei as coisas boas da minha infância. Viajei ao meu passado.

Cheguei de visita à casa da minha avó materna. Era domingo. Minha mãe me vestiu com minha melhor roupa: um vestido de linho branco. Bordado com as letras do abecedário, em diferentes cores (feito pelas mãos delicadas da minha mãe), meias brancas e sapatinhos pretos brilhantes. Meus cabelos, que brilhavam como meus sapatos novos, estavam enfeitados com uma fita azul.

A casa desta avó é muito grande; tem, além da cozinha e do banheiro, uma salinha de visitas (que se usa em poucas ocasiões), uma sala, escritório/biblioteca e vários dormitórios, que rodeiam uma grande sala de estar/jantar, em que se reúne a família para conversar, escutar música, bordar ou, simplesmente, estar ou jantar.

Dali pode-se ver, através de uma grande janela vitral, as árvores que dão sombra no verão, ao pátio dos fundos. Esse pátio está cruzado por vários pequenos caminhos, que vão da casa ao galinheiro, à horta, à enorme gaiola (que tem uma árvore dentro), onde moram, em harmonia, os papagaios, pombas, pavões-reais, um faisão dourado, e outros pássaros. Às vezes, recebem alguma visita não voadora, como uma lontra, que toma banho, feliz, na fonte de água.

Um desses caminhozinhos também vai da casa grande à casa onde mora o Sr. Mautone (um velhinho idoso e simpático) e sua filha, uma jovem, como minha mãe e minhas tias, que tinha cabelos muito pretos e ondulados, um sorriso doce e olhos verdes claros luminosos.

Esse jardim é um território especial para despertar a imaginação de qualquer criança. É aí que eu compartilho as brincadeiras com meus primos, em que nos transformamos em índios, exploradores, caçadores... e o que quisermos ser. Mas eu sempre estou em desvantagem, porque: as meninas não andam em patinete, não sobem em árvores, não jogam futebol... não podem isto, não podem aquilo. Ah,



como sinto inveja dos meus adorados primos! Eles correm, sobem e descem das árvores, jogam bolita de gude, e se sujam, mas ninguém os incomoda.

Meus primos e eu temos quase a mesma idade.

Ao meio-dia, temos que lavar as mãos e sentar à mesa para almoçar. Hoje, temos sopa de aveia (que eu detesto!). Não posso dizer que gosto; esse não é um argumento válido para não comer. Minha avó não aceitaria... Como meus pais não estão, eu encontro uma oportunidade para salvar-me de tomar a sopa (pelo menos desta vez).

_ Come, querida! - diz minha avó.

_ Não, obrigada. O médico diz que não posso tomar sopa de aveia! - respondo.

_ ???!!! ... Como? Nunca vi isso!!!

_ Pois é - digo eu - muito séria, ante ao olhar assustado de meus primos, que sabiam que não era verdade e, também, sabiam que nossa avó não gostava de ser enganada.

Minha avó fica sem saber o que fazer. Não pode imaginar que um médico tire a sopa de aveia da alimentação de uma criança de 4 anos. Insiste um pouco, mas me mantenho firme e me salvo da sopa.

A alegria durou pouco, só até o fim da tarde, quando meus pais vêm me levar para casa, e a avó não esqueceu de perguntar que problema de saúde eu tinha.

Mamãe ficou com vergonha de mim, e meu pai riu da minha criatividade ante a cara da minha rígida avó.

Blanca Anaconda Chiribao Cosio De Curti



HISTÓRIA DE MINHA INFÂNCIA

Voltar ao passado e ver a importância de uma vida vivida em família...

Mamãe, quando jovem, foi trabalhar em Feliz, com um tio médico. Trabalhou como enfermeira, até se casar com Nicolau Holz. Foram residir na sede, Dourado; papai abriu uma loja com o irmão Matias. Trabalharam muitos anos juntos. Depois, resolveu transferir-se para Três Barras, onde abriu sua loja.

Mamãe não se envolvia nesse trabalho. Como tinha sido enfermeira, observava a situação difícil, a pequena comunidade e o modo como viviam. Na época, não tinha hospital em Aratiba. Então, ela começou a atender às famílias, quando tinha doentes e senhoras grávidas. Ela fazia os partos e nunca deixou ninguém sem atendimento quando necessitavam. Quanta criança salvou!

Quanto à família, era atenciosa em tudo!!! Mãe de 15 filhos, era enérgica, mas, por outro lado, brincava muito e, quando era hora das orações, tínhamos que acompanhar, tanto no almoço quanto à noite, antes de dormir.

Outra coisa: ai de quem aprontava algo errado. O castigo era certo. Mandava se ajoelhar e, quando mandava levantar-se, tínhamos que pedir desculpas.

Outra lembrança que guardo... tinha o costume de reunir as crianças da vila para brincar, não só de dia, mas, também, à noite... quanta brincadeira e cantos... quanta saudades!

Nos finais de semana, todos tinham que ir juntos à capela. Ensinava cantos, orações e dava a catequese para os que tinham que se preparar para a 1ª Eucaristia.

Quando falecia alguém, fazia os enterros. Quando dava as enchentes, era uma correria para ajudar. Em 1965, dia 18 de agosto, o Rio Uruguai levou as casas e galinheiros, com a enchente; tudo rio abaixo, com galinhas no telhado. Isso me deixou abalada, mas, o que me marcou foi que meus pais nunca deixaram de ajudar.

Boa lembrança que trago, até hoje, é quando chegava o tempo do Natal... são lembranças que jamais serão esquecidas, tanto na família como na comunidade.

Quantos Natais preparados, no início do advento, com cantos, orações, em casa, com os filhos e vizinhos. Na noite do Natal, tínhamos que dormir cedo. Mamãe preparava o presépio, a árvore, colocava os presentes - um para cada filho. A meia-noite, tínhamos que levantar, ir até o presépio, receber o Papai Noel, com rezas e canto "Noite Feliz". Após, receber o presente, agradecer e desejar Feliz Natal. Era muito comemorado.

Outra maravilha que mamãe preparava era o teatro. Todos os irmãos tinham que participar, além dos jovens da comunidade, na casa dela. A primeira apresentação foi em Três Barras; depois, Várzea, Rio Branco, Volta Fechada e Bem-te-vi. Numa noite de apresentação, como eu fazia o papel de Daniel, em vez de colocar as mãos nos olhos e permanecer em silêncio, eu disse em voz alta: será que estou dormindo? Levei um puxão de orelha, nunca mais esqueci. Quando terminavam as apresentações, saíamos para jantar e confraternizar.

Quanta saudades daquele tempo! Lembranças que jamais se esquecem!

Clara Holz Lucas

APENAS UM NATAL

Apenas um Natal da minha vida, dentre tantos...

Era uma família de colonos simples.

Quando chegava o Natal, a gente ficava esperando o dia, para ir à missa e ver o presépio, pois não tínhamos condições de comprar um.

Quando eu cresci, descobri que podia inventar algumas coisas.

Peguei um galho seco e enfeitei com algodão e fiz uma guirlanda com uma esponja.

Toda família admirou.

Pricila De Bona Zanella

NATAL EM FAMÍLIA: UM NATAL SIMPLES E FELIZ

Nasci na Linha São Brás - interior do município de Viadutos.

Éramos em cinco irmãos e a mãe pedia que todos limpassem o pátio e arrumassem bem a casa para o Natal.

Na véspera do Natal, com a ajuda de meu irmão mais velho, íamos até a propriedade de meu pai (próximo da nossa casa), para escolher e cortar um pinheiro, que seria nosso pinheirinho de Natal. Ele era colocado no canto da sala.

Com a ajuda de nossa mãe, enfeitávamos o pinheirinho com caixas de fósforo e carreteis de linha, que eram preparados, durante o ano, por nós. Além disso, nossa mãe fazia flores com papeis de bala.

Em nossa casa, fomos ensinados a nomear Papai Noel como *Bambim*, palavra em italiano, usada para se referir ao Menino Jesus.

Próximo ao pinheiro, *Bambim* deixava os presentes que, normalmente, eram roupas, calçados e balas.

Era costume de Natal que eu e meus irmãos mais velhos fôssemos à missa do Galo (que acontecia na noite do dia 24), em Viadutos, mais ou menos, a 4km de nossa casa.

No dia seguinte, acordávamos cedo, para ver os presentes.

Nunca esquecíamos de preparar a recepção de *Bambim*, com folhas de milho e água, pois ele viria montado em seu burrinho.

Minha mãe preparava, para a ceia, cuca e bolachas. O almoço era um frango assado e demais acompanhamentos. Após o almoço, nos reuníamos com nossos primos, para comentar sobre os presentes recebidos, além de brincar.

Lourdes Martovicz

NATAL DE INTERIOR

Em Três Barras, interior de Aratiba, moravam meus pais e cinco irmãos.

Como morávamos em uma chácara, no Natal, meu pai, ou meu irmão mais velho, colhia um pinheiro pequeno da nossa propriedade. Os enfeites eram feitos de papeis coloridos.

Havia uma preocupação com a visita do burrinho do Papai Noel. Eram colocados pasto e água no lugar em que ele passava. No dia de Natal, sempre víamos marcas das patas dele.

Como morávamos distante de igrejas, ouvíamos a Missa do Galo pelo rádio.

Os presentes apareciam embaixo do pinheirinho. A mãe os distribuía.

No almoço, tinha galinha assada no forno, cuca e pão.

Lourdes Vieira

NATAL EM FAMÍLIA

O Natal, na minha família, sempre foi celebrado. Por sermos uma família cristã, participávamos das celebrações religiosas.

Éramos em 10 irmãos. Para iniciar os preparativos do Natal, a mamãe pedia para os filhos mais velhos ajudar a fazer bolachas pintadas com glacê e açúcar colorido, além de cuca. Tudo era assado no forno a lenha, feito de tijolo.

No dia anterior do Natal, íamos, com os pais, procurar um galho de pinheiro e musgo, para preparar o presépio. Montávamos o pinheirinho, com bolinhas de algodão. Nossas luzinhas eram pequenas velas presas nos galhos do pinheirinho.

Não tínhamos o costume de fazer a ceia de Natal. Na véspera, todos se reuniam na sala, ao lado do pinheirinho, para ouvir a Missa do Galo pelo rádio.

Por sermos uma família numerosa e humilde, não tínhamos como trocar presentes.

Na manhã de Natal, mamãe preparava o café para toda família.

Depois do café, o papai reunia os filhos, para rezar e terço.

Em seguida, os filhos mais velhos iam cuidar das suas tarefas. A mamãe cuidava do almoço: ela preparava galinha assada, arroz e massa. O papai preparava a mesa, na sombra do pé de laranjeira. Ele deixava tudo pronto, para esperar as visitas, para compartilhar o almoço em família.

Depois do almoço, as crianças iam brincar e os pais ficavam fazendo sala para as visitas, e contando causos.

Arlinda Catarina Adamczuk

MINHAS MEMÓRIAS

Minhas memórias mais presentes, e que me levam ao tempo da infância, são as de minha mãe, que nos deixou com apenas 42 anos. Eu, com 12 anos, era a terceira e, depois de mim, mais quatro irmãos, sendo que a mais nova tinha, apenas, 1 ano. Coube à nossa irmã mais velha, juntamente com meu pai, que era ferreiro, assumir o comando da família.

Passaram-se 60 anos. Nossa mãe chamava-se Ana, mas todos a conheciam por "Anita". Ainda, hoje, quando retornamos à nossa cidade natal e encontramos pessoas que a conheceram, ou parentes, eles falam: "as filhas da Anita".

Era a bordadeira dos enxovais de noivas e bebês da pequena cidade da serra gaúcha, Cotiporã.

Tinha em uma das mãos uma deficiência. Não possuía os dedos. Mesmo assim, era uma exímia bordadeira. Bordava à máquina. Lembro que usava o bastidor. Também era professora de bordado.

Quando o trabalho ficava pronto, ela lavava, coarava e, finalmente, passava com o ferro à brasa.

Temos alguns trabalhos feitos por ela, que guardamos como recordação.

Nossos Natais eram muito humildes, mas guardo na lembrança nossa alegria na preparação do presépio, que era montado no chão, no canto da sala. Íamos nas matas próximas pegar barba, assim chamávamos o musgo, o pinheirinho e as patinhas d'água.

Na véspera, 24, colocávamos o prato com o nome. Na manhã do dia de Natal, encontrávamos os pequenos presentes, que era um tecido para um vestido, para as meninas; uma boneca, que não mexia os braços e pernas, e um doce em forma de coração, feito de açúcar, branco, com flores coloridas.

Mesmo depois de termos ficado órfãos, nossos Natais continuaram como descrevi.

Beatriz Maria Scussel Zanatta

Blusa bordada

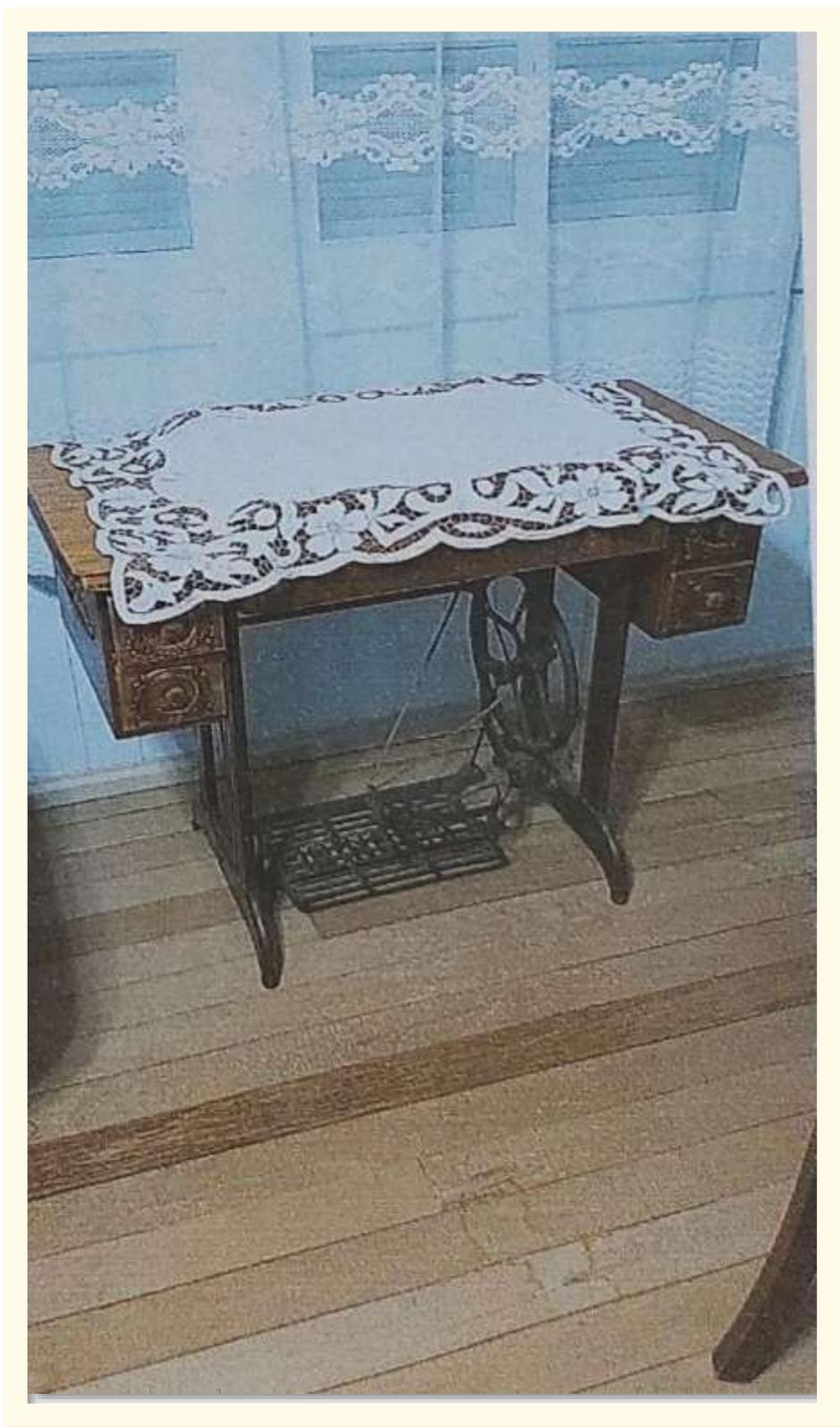


Saia - em bordado aberto





Máquina usada para bordar, guardada de recordação



LEMBRANÇA DE UM NATAL

Toda festa de Natal sempre é muito alegre, muitos preparativos, convidados, parentes, amigos, vizinhos, mas sem sempre podemos contar com a presença de toda família.

Meus pais sempre sonhavam com um Natal em que pudessem contar com a família.

Eis que o sonho foi realizado num desses Natais.

Conseguiram. Estavam muito nervosos. Foram muitos os preparativos. Meus pais estavam ansiosos, pois era a festa de um Natal junto com todos da família. Estavam presentes os filhos, as filhas, as noras e genros, netos e demais parentes. Foi muito emocionante ver meus pais felizes neste Natal.

Albina Sartori

DISTRAÇÕES

Há muitos anos, numa viagem turística, de mulheres, a Buenos Aires e Montevideú, aprendi uma lição que jamais esquecerei.

Chegando ao hotel onde ficaríamos hospedadas, largamos as bagagens e, para aproveitar o pequeno tempo livre, resolvemos, duas companheiras e eu, dar uma caminhada de reconhecimento pelos arredores.

Chegamos a uma igreja em reformas, muito bonita, com pinturas e esculturas, verdadeiras obras de arte, que nos encantaram. Trocamos ideias e, no regresso, andamos sem encontrar o caminho certo: quadras à direita, quadras à esquerda, ruas adjacentes, e dávamos, sempre, no mesmo lugar... estávamos perdidas!

Muito assustadas, pedimos informações sobre um hotel nas proximidades; nos perguntaram pelo nome do dito hotel... não sabíamos; o nome da rua ou qualquer referência, indício... nada sabíamos!

Envergonhadas, encabuladas como crianças apanhadas em travessuras, após um longo tempo nesse impasse, seguimos por uma rua e nos deparamos salvas em frente ao hotel!

Aliviadas, rimos muito e guardamos segredo, para não servirmos de chacotas.

Nos serviu de lição, jamais nos afastar sem as informações necessárias e indispensáveis. A menos que façamos como na história de Joãozinho e Maria, com pedrinhas marcando o trajeto.

Quanto mais se vive, mais se aprende, e nunca é tarde...

Iole Vicenzi Kleinubing

É NATAL

O nascimento do Menino Jesus é o momento de fraternidade e solidariedade entre os homens.

Permite a nós a volta de marcantes convívios com o nosso querido Papai Noel...

É um instante de abrir os braços em um lindo dia de Natal... com os presentes... as lembranças da família.

Bondade de nossos pais darem presentes a todos os filhos e familiares.

A criança sente a ternura, em sua inocência da infância.

Natal nos lembra o Menino Jesus que nasce: é tempo de paz, esperança, de reencontros, de aproximação, num mundo mais humano, mais fraterno.

Assim, festejamos o Natal: tão cheio de mistérios, tradições e símbolos.

Desejamos que, neste Natal, a Estrela de Belém...

Brilhe para todos!

É Natal!!!

Mariza Sella

AS PAUSAS DA VIDA

A vida é um cotidiano quase que pré-estabelecido. A vida adulta é norteadada pela rotina do fazer, cuidar, trabalhar... É cuidar dos filhos, são os afazeres de mãe, mulher e profissional; é trabalhar para ter o sustento. O engraçado: tudo isso para poder viver. E de VIDA mesmo, apenas alguns momentos.

Tudo está dentro da sua normalidade até que um dia, você se deita para dormir, descansar e quase não acorda... Um AVC! É a pausa necessária para reviver!

Ou se deita para o descanso merecido de feriadão, e trava... A dor de uma hérnia de disco é tanta que obriga a parar... É a pausa necessária para voltar a viver!

Sim... a vida e suas pausas, para lembrarmos que é necessário viver em plenitude todos os momentos, mesmo com todas as obrigações cotidianas.

Pausas são necessárias, mas melhor se fossem planejadas! Às vezes, são de surpresa, para termos a possibilidade de revivermos!

Liria Sartor Segatti

NATAL

É a comemoração do nascimento de Jesus Cristo. É tempo de reflexão e confraternização. É a época da família, dos amigos, do amor, de dar e receber, da paz, da união, do carinho, da alegria, da felicidade, da solidariedade, em que todos se reúnem e falam:

Feliz Natal!

Data essa em que José e Maria fecharam sua casinha em Nazaré e partiram para Belém.

Eles iam cumprir a ordem do Imperador.

A ordem era essa:

O Imperador queria fazer uma lista de todas as pessoas para as quais ele governava. Para isso, cada pessoa deveria ir à cidade em que nasceu, para dar seu nome.

Maria e José andaram muito. Quando chegaram em Belém, não acharam lugar nas hospedarias.

Então, Maria e José saíram para o campo à procura de um lugar em que poderiam ficar. Andaram muito, até que encontraram um lugar onde os animais se escondiam das tempestades, ou do frio da noite. Lá, acharam uma gruta, onde um boi e um burrinho dormiam.

Jesus nasceu ali, à meia-noite do dia 25 de dezembro.

Maria o envolveu em paninhos. José fez uma caminha de capim, na manjedoura dos animais. Depois, Maria e José ajoelharam-se e adoraram Jesus. Eles sabiam que Jesus era o menino Deus!

Na mesma hora, apareceram anjos, que voavam e cantavam pelo campo e ao redor da gruta.

Uma grande estrela brilhou no céu. A noite ficou, de repente, clara, clara como o dia.

Os pastores que vigiavam suas ovelhas ficaram assustados e perguntaram uns aos outros: O que foi que aconteceu?

Mas um Anjo lhes disse: Não tenham medo! Eu venho anunciar a vocês que Jesus nasceu! É pobrezinho; está enrolado em paninhos, e deitado numa manjedoura.

Então, os pastores pegaram uns cordeirinhos mais bonitinhos, e foram à procura de Jesus. Eles chegaram à gruta e espiaram lá dentro. Viram Jesus enrolado em paninhos e deitado na manjedoura, como o Anjo lhes contara. Então, entraram na gruta, ajoelharam-se e adoraram a Jesus.

Cada um deixou um cordeirinho de presente para Jesus.

Olita Devens

Referências

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Fernando. 3. ed. Rio de Janeiro - RJ: Editora NVI, 2023.

LEMBRANÇA DA CASA GRANDE

Hoje, vou relatar um fato que marcou minha infância, que vivi no interior de uma cidade pequena, onde fomos morar, após a separação de meus pais. Eu só tinha 5 anos e, meu irmão, 7 anos.

Essa casa era dos meus avós. Ela era muito grande, vários quartos, sala, cozinha, duas varandas e um sobrado. O porão era todo de pedra, enorme. Mas, na casa, tinha só o essencial: uma mesa de madeira, cadeiras de palha e a pia era uma tábua, em que colocavam uma bacia em cima, para lavar a louça e, na frente, uma cortina, para guardar as panelas e baldes cheios de água, pois não havia água encanada. Tudo era difícil.

Nessa casa, vivi momentos bons que, hoje, lembro com carinho, principalmente de meu avô. Levava minhas primas, meu irmão e eu colher melancias e só voltava com a carroça cheia, e nós, sentados em cima das melancias.

Teria muitos fatos para escrever, mas o que mais eu lembro eram os Natais.

Era colocada uma árvore natural que, para mim, era gigantesca, pois quase tomava conta da sala. Era enfeitada com bolas coloridas, bolachas de mel, doces e, ainda, algodão, para representar a neve e, embaixo, um presépio.

O que, hoje, lembro, e marcou muito, foi quando meu irmão e eu derrubamos uma peneira de feijão que estava em cima da varanda. Minha avó mandou juntar todos, grão por grão.

Começamos a juntar e brigar. Nesse momento, o "Papai Noel" apareceu na cerca dos fundos da casa e nos mostrou uma vara. Saí correndo e me escondi embaixo da pia da cozinha. Fiquei de castigo. Depois que o sustou passou, voltamos a recolher os feijões bem rápido, mas não tirávamos os olhos da cerca.

Foram lembranças que vivi com minha família, que, sempre, nos mostrou o caminho para enfrentar a perda, com amor.

Mirna Marlene Battiston

UM FATO QUE MARCOU A VIDA

Neste caminho longo que percorri, e estou percorrendo, muitos fatos aconteceram... mas, um, me marcou muito mais.

Há, precisamente, quinze anos, recebi um diagnóstico que me surpreendeu. Fiquei chocada, perplexa, assustada... muito assustada: câncer de mama... não muito divulgado, na época.

Naquele momento, estava me dedicando muito em atender minha cunhada, em doença terminal. Precisamente três meses após a morte dela, constatei, senti que eu, tampouco, estava imune. Logo após, me encontrei questionando, falando com Nossa Senhora de Fátima, santa de minha devoção. Eu estava brava. Por que isso comigo?

No instante, senti que precisava de minha fé, apoio e muita garra. Com confiança e coragem, me entreguei à Medicina. Fiz tudo o que tinha que ser feito. Nunca desanimei. Rezava, chorava, às vezes... mas dizia a mim mesma: "não tenha medo de chorar, porque quem chora também sabe sorrir".

Consegui vencer o que pensei ser a minha derrota. Derrota que foi minha vitória.

Nunca podemos desanimar, pois com coragem, fé e garra os caminhos se tornam menos espinhosos.

A vida é bela. Vamos senti-la, porque da vida a gente leva, a vida que a gente leva.

Ilse Badalotti Fracaro

HISTÓRIA DE AMIZADE, COMPANHEIRISMO E AVENTURA

Esta é uma estória de amizade, companheirismo e aventura.

Se passa há mais de 40 anos.

Uma amiga e comadre, Neusa, e eu, Cirley, enfrentamos uma aventura, corajosamente.

Eis a estória...

Naquela época, saíamos muito para acampar, no interior de vários municípios, com nossos maridos e, às vezes, com as crianças.

Desta vez, só seriam os dois casais para passar o final de semana nas águas termais de Marcelino Ramos.

Lá fomos nós duas: eu dirigia a caminhonete.

Sexta-feira à tarde carregamos a caminhonete, que pertencia à nossa família.

Barraca, camas portáteis, utensílios, comida para passar o final de semana.

Os maridos sairiam sexta-feira à tarde, depois do expediente.

Lá fomos nós, pela BR 153, até Coronel Teixeira, depois, estrada de terra, até chegarmos em Marcelino Ramos.

Naquela época, existia um *camping*. Estacionamos, descarregamos e montamos a barraca, com alguma dificuldade, pois não estávamos acostumadas com o serviço.

Tudo pronto para quando os "chefes" chegassem. Pausa para um chimarrão. Só não fazíamos o jantar. Isso era tarefa deles. A nossa, lavar a louça.

Sábado pela manhã, chuva.

Esta é a estória de uma aventura, de companheirismo e amizade.

Aventuras, nunca mais, pois os filhos cresceram e o trabalho dobrou.

Mas foi um bom tempo.

Feliz.

Cirley Zanella Lago

UM NATAL INESQUECÍVEL

Nasci numa pequena vila, na época pertencente à cidade de Passo Fundo. Hoje, é uma cidade bonita e próspera, da qual me orgulho: é a cidade de Marau.

Foi lá que me criei, vivi minha infância e juventude, até me casar e vir residir em Erechim.

Também foi lá que passei um Natal inesquecível, quando tinha uns sete anos.

A véspera da noite do dia 25 de dezembro era sempre muito esperada, principalmente por nós, crianças, pois esperávamos pelo Papai Noel: o bom velhinho, que trazia brinquedos.

Minha família morava numa rua central e, como era tradição, assistia à Missa do Galo, que era rezada à meia-noite. Imperdível para os adultos.

Então, nossos pais nos colocaram na cama, a mim, meu irmão de dez anos, e mais duas irmãs pequenas, e esperaram que adormecêssemos para poder ir à missa. Nos deixaram sozinhos, pois não havia perigo. Era comum fazer isso, inclusive, a porta não era chaveada.

Aconteceu que meu irmão acordou com sede e quis ir tomar água. Todos acordamos também, e fomos, os quatro, para a cozinha. Quando acendemos a luz, enxergamos, na sala de jantar (ao lado da cozinha), a mesa coberta com uma toalha. Fomos até lá espiar o que tinha sob a toalha... Nossa, que maravilha! Começamos a gritar de alegria! Havia vários brinquedos: carrinhos, bonecas, panelinhas, etc. Que felicidade!

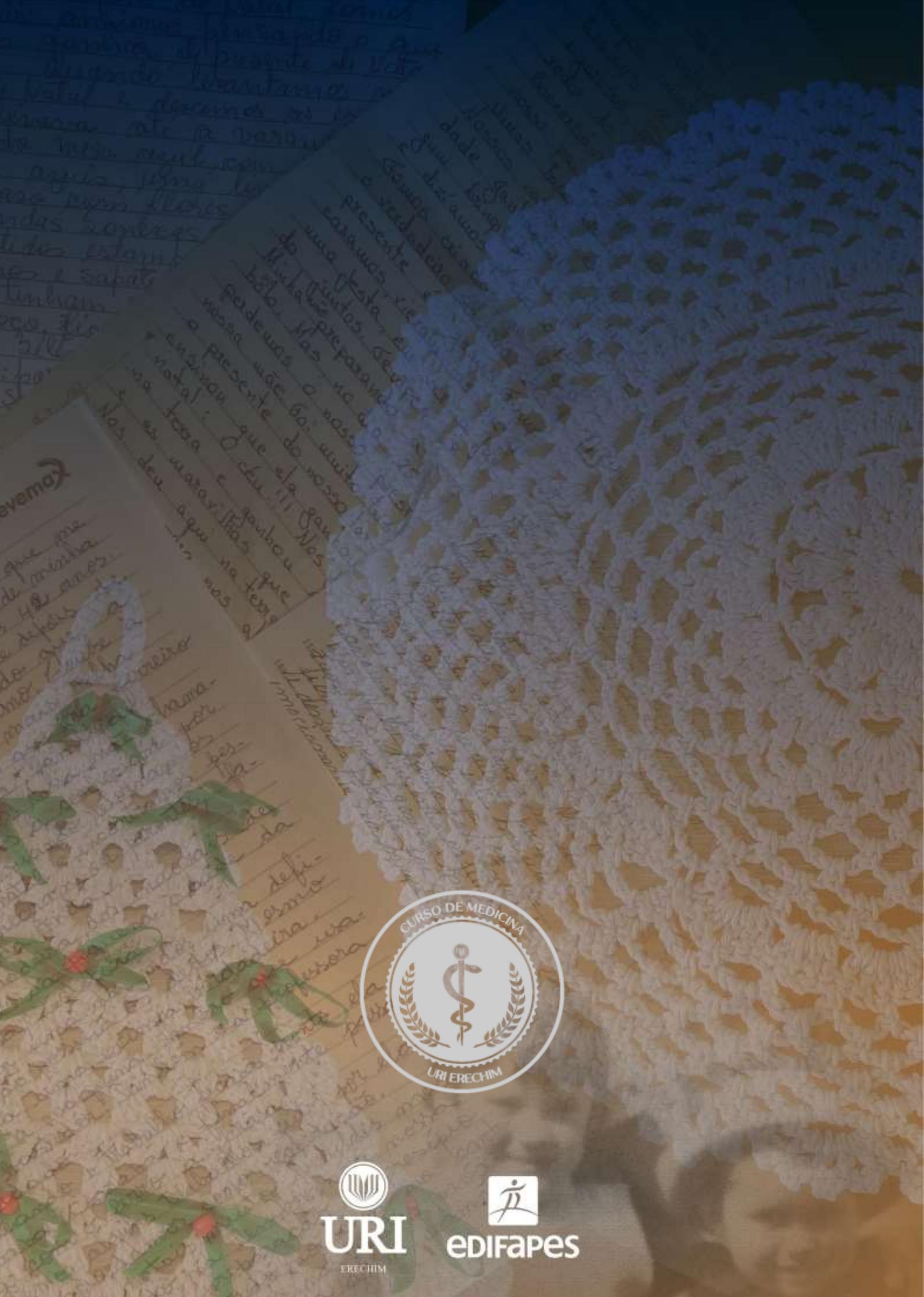
Fomos pegando os brinquedos e repartindo: a boneca maior era minha, pois eu era a mais velha e, assim, cada um foi pegando seus brinquedos e nos pomos a brincar.

Quando nossos pais chegaram, ficaram surpresos, mas sentiram que estávamos bem e felizes... de repente, deram pela falta da nossa irmã menor. Nós, simplesmente, não sabíamos o que dizer. Procuramos pela casa e não encontramos. Foi um susto tremendo, pois em casa ela não estava. Então, começamos a procurá-la pela vizinhança, batendo de porta em porta. E nada! No auge do desespero,

depois de mais de uma hora a procurando, foram encontrá-la dormindo, tranquila e feliz, no sofá de uma vizinha, distante 50 metros de nossa casa. Ufa, que alívio!

Mas a nossa noite de Natal terminou bem, pois estávamos todos juntos e fomos dormir agarrados nos brinquedos, depois de agradecer.

Maria Lourdes Arioli



evemo)

que me
de minha
42 anos
depois a
de que a
me eube a
meio

hama-
brer
os
da

uma defi-
ormo
ura
sura

